

ALAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. resp. Marcos E. C. de Carvalho

Barcellos 13 de setembro de 1903
Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

A MISSA DAS 11

Barcellos, como 'as demais villas e cidades d'este reino, tem distincção na frequencia das suas missas.

Foi sempre a das almas—dita logo ás 4 horas—a preferida pelas pessoas que tem os dias

A das 10, já puxada «um pouco á substancia», obriga ó *toilette* de harmonia com o ultimo figurino.

E' quasi tão concorrida como a das 11, pela alta roda, sobretudo n'esta Estação calmosa, mercê da frescura do templo—em que se celebra—que assenta n'um terreno pantanoso.



santificados presos pelos affans da vida e tambem por aquellas que não pôdem competir com o luxo que se vê nas missas da alta manhã.

Quanto lusco-fusco encobre a humildade das chitas das que já usaram sedas!

As missas do *descer* (do côro), que se resam no verão ás 8 horas, são quasi que ouvidas só por gente do campo, dos arredores da villa, «a que ouve tocar a *garrida*».

São estas as missas que têm a nota mais característica na nossa terra, não esquecendo a ultima, a das 11.

O instantaneo d'hoje—que obedece a photographia do apreciavel amator João Baptista da Silva Corrêa—um rapaz com grandes aptidões d'artista—é um flagrante local da saída dos fieis do templo do Senhor da Cruz.

Quem são elles, em regra?

Os que se deitam tarde, depois d'uma *taini-*

nha—molhada com o de Basto, delgado mas com agulha—que apresentam olheiras, d'um sulco azulado muito saliente. São as que tratam com muito cuidado do cabello e levam um tempo endemoinhado ao espelho, a corrigir o laço do chapéu, a encobrir um defeito da modista.

Todas os habitantes das villas e cidades têm selecção na hora e na escolha de missa e templo.

A das 11, como deixamos entrever, e como a photogravura o attesta, é em Barcellos a missa da alta roda.

Album da Lagrima

Mariquinhas meu amor

Hoje, foi o ditozo dia que eu Laneei a mão a pena para Saber da tua felicidade j fellis Saude pois a minha fica Sendo Voua Graças a Deus para Sempre;

Meu querido á mór estas desCUL pada e o que me mandastes pedir na tua a Ventoroza carta pois Eu hé que te tenho a pedir desculpa por não ter escervido ama- tempo poreu desculpa meu Vem de culpa; porque eu não tenho tido uhozo desçançe mais Hoje foi que eu pilhei um

Volta a Mór Volta

Estante para Escrever iSaber da tua felicidade ifelis Saude

Pôr Hoje Não tefado Mais Meu querido a mór Só tenho pena de te não poder hir Vêr mas mas mandote esta felis carta para tea legroso o te coração.

a Deus a mór a Deus Vaito Carta felis Voando que lindos holhos Vas Vêr ponte carta de joelhinhos quando te fôr a lêr mas baite carta felis Voan lo nas azas deum carangeijo notando dias istantes que eu não beijo;

Sou teu amor ate amorte que a Vida dezeija por largos annos,

Amór a Deus a Deus amor a Deus i a Deus e a Deus este que tiana

A pulia 4 de Setembro de 1903

Notas da quinzena

Em comboio, em carro, a pé, chegam tropas a Barcellos de todas as hierarchias e de todas as armas para os exercicios do outomno.

Barcellos parece que está em estado de sitio. Ora vemos passar, montados, elegantissimos aspirantes... a continencia e a rancho melhora-do; ora sentimos rodar pesados carros tirados por mulas possantes.

A villa inteira interessa-se pelos exercicios.

As senhoras agrupam á janella e os homens vêm para a rua vêr a gente armada.

E' ao uniforme vistoso, á precisão dos movi-

mentos, ao vibrar das cornetas e clarins, que «espertam e animam», que se deve tal interesse.

E tudo é a fingir. Não ha ballas. Fumo e fogo... de vistas, nada mais,

O inimigo, nem sabe que o é. Vac, naturalmente, perder-se, como tem sucedido nos últimos identicos exercicios.

A maior carnificina será a do sacrificio d'alguns bois e vacas...

Ainda bem!

PERFILÕES MASCULINOS

E' o seu primeiro nome

Mui vulgar e trivial.

Ao de um frade morto em Padua

E' completamente igual.

Ha na sua vida um factio

Que jumais olvidará:

Para casar fez um rapto,

Que sempre o celebrará.

Quem olhar p'ra sua cara

Parece-lhe um bom sujeito

Muito, embora lá n'um olho

Tenha um pequeno defeito.

Mora na Rua Direita

E é socio dum café.

Seu ap'lido abunda em bouças...

Inda não sabem quem é?

E' honrado, muito serio.

Não estamos cá com mais factos,

Basta dizer que lhe chamam

O sr. Antonio Mattos.

Aromatico

X. P. T. O.—Cá recebi sua carta. Nella me diz que se publicassem o seu perfil esfregaria a «Lagrima» na minha cara.

Pois os companheiros do mesmo sero de V. Ex.^a tem acolhido os perfilões duma maneira assás lisougeira para a minha pessoa...

V.—Ora adeus! Tenha juizo... Queria talvez que numa galeria, onde só se publicam perfis de pessoas bonitas, se fosse publicar o do cavalheiro que indica?

R. N.—Nunca esperei a visita do meu amigo nesta seçoão! Para o proximo numero... veremos.

Leitor assiduo Porto—Por cá não se publica d'isso... O que nos manda é algum resto de peste? Falle com o redactor da «Polha da Manhã».

H. R. Lisboa—Ora meu amigo... guarde isso pro jantar e deixe-nos em paz. Não tem que fazer? Faça colheres...

A LAGRIMA

CHRONICA VERSATIL

Barcellos altiva e nobre
sofreu uma inundação
de soldados e galuchos
que fez grande sensação.
Numa igreja, numa rua,
nas tabernas, num café,
só se vê militarismo,
seja montado ou a pé.
Meu Jesus! tanto *algarismo*...
Que vem isto cá fazer?
Ahl se veem matar gente,
eu cá não quero morrer...
Diz uma mulher velhota
que tal gente viu passar:—
—«Não se afflija, que são
p'r'uma guerra... a mangar».
Não se pode andar nas ruas
com tanta porção de gente,
sem ter um salvo-conducto
que de perigos nos isente.
Agora é que nós po temos
esta quadra recitar
tem receio que alguém
nol'a queira contestar:
*Só em Barcellos houve alardo um dia,
em que o sol pelos campos dilatados,
com terrivel e fera galhardia,
mais de quinhentos peitos viu armado*

Anzol.

MANOBRAS

Barcellos está extraordinariamente animado.
Esta multidão de forças militares, de infantaria, artilheria, administração militar etc., que a cada passo vamos passar por essas ruas, dá-lhe o aspecto bellico d'uma povoação em vesperras de batalha.

Diz-se hia que os nossos caros visinhos, sempre ansiosos da restauração filipina, se resolveram de vez, enfim, a invadir este pobre paiz e que esta villa se prepara corajosamente para uma resistencia invencivel, não desmentindo a audacia de quem, n'outros tempos *dezesete mil peitos viu armados*.

...Tacs os apetrechos de guerra que andam por ahí.

Mas não. Soceguem os nossos leitores, que ainda não é d'esta que os *nuestros hermanos* se resolvem a *conquistar isto*. Todo este movimento militar é porque estamos em vesperras de manobras.

...E quantos, n'este momento, andarão a *manobrar* por esse mundo fóra!..

Manobras financeiras, *manobras* amorosas, *manobras* vingativas, *manobras* arrangistas, *manobras*... sabemos lá do quê!..

Estas, porem, que aqui se preparam não per-

tencem a nenhuma d'aquellas. São manobras militares.

Pois *antão, cumi é?*

E' preciso habituar os soldados ao estrepito da batalha, ao ruído dos canhões, ao fumo das espingardas, dar-lhes, enfim, um espectaculo que em alguma coisa se pareça com as guerras *a valer*. A não ser n'outra coisa, que se assemelhem, ao menos, na côr do fumo e no ruído dos tiros. E vamos, que já, não é pouco.

*

Ha alguns *milicias* que pensam que tudo isto é a valer. Explicava, ha dias, um a outro camarada:

—Sabes, ó *ó*? vamos ter guerra com a Inglaterra!

—Isso?!

—*Antão* não leste outro dia no jornal que os ingleses já tinham entrado na bahia de Lagos? Qualquer dia, são capazes de vir por ahí *arriba* e é, por isso, que se fazem as manobras.

—Ahl..

E os dois soldados fitaram-se longo tempo, pensando nas crueldades da *grande guerra* que se prepara...

*

Na quinta-feira á noite, pelas 11 horas, foi esta villa sobresaltada por um ruidoso estrepito nas ruas que, na opinião de muitos, se assemelhava ao troar de artilheria.

A maior parte dos barcellenses, que já se encontrava em *valle de lençoes*, enfiou umas calças, vestiu um casaco, calçou uns chinellos—isto em menos d'um minuto—e correu as janelas para ver o que, de facto, se passava.

Afinal—oh! desillusão das desillusões!—todo aquelle barulho era causado simplesmente por um carro de munições, da artilheria..

Foram todos outra vez para a cama, desapontados.

Alguns, espirravam fortemente: constipação no caso. E foi este o unico lucro de quererem saber a causa do tal barulho.

Não sejam curiosos.

Esmolas

Distribuímo-las por pobres envergonhadós (conforme uma relação que temos em nosso poder) segundo o manifesto desejo do nosso illustre patricio João Diogo de Souza Pinto—residente em Lisboa—e ora de passagem pelo seu Barcellos, com a obrigação de (os que a saude e idade o permittir) ouvirem amanhã uma missa que aquelle cavalheiro manda, ás 9 horas, resar no Templo do Bom Jesus da Cruz por alma do seu velho amigo general Joaquim Theotonio Cornélio da Silva.

Cumprimentando o sr. Souza Pinto agradecemos as esmolas em nome dos desherdados da fortuna.

CARTAS D'ALDEIA

Esposzende, 20 de agosto

As manobras militares do outono, que se realisam n'este concelho, ao norte de Gandra, teem até hoje sido o assunto de discussão, nos centros da cavaqueira esposzendense.

Na redacção do «*Povo Espozzendense*», na *Pharmacia Central*, na *Loja do Povo*, na *Assembléa*, etc., não se ouve falar d'outra coisa durante o dia.

Só isto se discute.

E essa discussão é parto das divergencias que ha sobre qual seja o melhor ponto para se realisar o encontro com as tropas inimigas.

Uns dizem que no Largo da Alfandega.

Outros, que no adro da Igreja.

Outros, ainda, que dentro do Oceano, nas barcas que ha n'esta freguezia.

D'estas divergencias veio a formar-se tres partidos, cada um dos quaes justifica a sua opinião com argumentos incontestaveis.

O primeiro allega que—«por ser proximo do mar.»

O segundo—«que sabe ser o local por que opinam de primeira ordem, por experiencia propria, pois é raro o dia que para lá não vae jogar o botão.»

O terceiro partido escolhe o ultimo local, por opinão do seu chefe, o *Reverendo*, que allega ser o melhor, por ser o mais ermo do concelho, e portanto não haver perigo de as tropas matarem alguém.

Ora esta opinião é a mais accete pelos esposzendenses, que, como sabem, são muito medrosos, geralmente. (E a prova é que hontem ninguem sahiu de casa pela simples razão de constar que um ouriço cacheiro andava pelas ruas d'esta aldeia a passear.

Por fim, alguns mais animados e mais corajosos, resolveram-se a vir para a rua, não sem virem armados; e, depois de formado um cerco em torno do pobre bicho, dispararam uma grande quantidade de tiros, sem que nenhum o attingisse, devido talvez ao nervoso que se havia apossado de toda a gente.)

Mas voltemos ao assunto:

Já por aqui passou a maioria do exercito portuguez, em direcção a Gandra, onde estão já aquartellados mais de cinco mil homens.

Hoje passaram os regimentos de infantaria 9, 7, 24, 32 e 16, e caçadores 1, 6, 9 e 17; tambem chegou *O Regimento 145*... que se assigna aos tomos de 250 reis, ou cadernetas de 50 reis, na Livraria do Reverendo.

—Como já veio a esta freguezia um infante, quando os esposzendenses ouviram falar em infantaria, julgaram que eram muitos infantes que nos vinham visitar.

O «*Povo Espozzendense*» chegou a fazer-se eco d'este boato, dizendo que chegavam brevemente a esta aldeia cerca de 2000 irmãos do rei.

E, meus carissimos leitores, já vos vou machado demasiado...

Au revoir

Meninó.

Caso de bruxedo...

O maestro e alquilador Serafim, do Campo de D. Carlos, conduziu no seu carro em dia de S. Bartholomeu, ás caldas do Eirogo, o decano dos solicitadores—Gonçalves Ramos.

No regresso o cavallo de sóta, que dá pelo nome de *Boey*, adoeceu.

Chamado logo o veterenario Izidro,—declarou que o bicho padecia d'uma peritonite chronica, receitando que immediatamente lhe fossem applicadas ventosas no abdomen esquerdo, operação que foi logo feita pelo pratico e entendido n'estes animaes—Lucas do Jardim, apesar do que, o animal continuou no mesmo estado.

Serafim vendo que o bicho nenhuma melhora tinha, foi consultar a tal fim uma feitiçeira que habita na Barreta; chegou ahi expôz o succedido da seguinte forma:

—Senhora Clemencia: Tenho em casa uma creatura que adoeceu no dia em que andava o diabo solto, e tendo-lhe feito diversos remedios, de na'la tem valido e cada vez vae a peor, e então venho aqui para me dizer qual a doença que ella tem e o remedio que é necessario.

Clemencia, mestra na feitiçaria, respondeu-lhe:

—Amigo nada lhe posso dizer sem que me traga d'ella um objecto qualquer, e além d'isso só lhe fallarei 6.^a feira á meia noute em ponto, que é quando tenho o espirito mau em mim.

Serafim atrapalhado não sabia se levar a coa-lheira ou o freio, porem, a mulher aconselhou-o a que levasse um pouco de cabello.

Chegada a noitee hora marcada Serafim entra em casa da feitiçeira, apresenta-lhe o cabello,—que ella metteu no seio;—acto continuo cahiu com um desmaio, e inchou muito.

N'esta altura Serafim fica atrapalhado e desesperado diz:

—Eu te requiero para que me digas o que eu pretendo.

Então responde-lhe Clemencia em voz tremula e aguda:

—E' preciso que por alma do avô d'essa criatura se digam 20 missas.

Serafim ouvindo tal disparate desata á pancada na Clemencia que, segundo nos consta, ainda está a caldos de gallinha.

Este Serafim é um anjo!